

Publicado como: BATORÉO, Hanna Jakubowicz. (2017)
Tipologia do espaço e tipologia das línguas na Linguística Cognitiva: proposta de Leonard Talmy.
In: P. T. Alvaro & L. Ferrari (eds.) (2017). *Linguística Cognitiva: pensamento, linguagem e cultura*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural. Vol. I, 136-177. ISBN:978-85-5635-013-8

Versão Pre-print

Tipologia do espaço e tipologia das línguas na Linguística Cognitiva: proposta de Leonard Talmy

Hanna J. Batoréo

(Universidade Aberta/ CLUNL, Lisboa, Portugal)

1. Introdução: Para que precisamos de tipologias linguísticas?

A Linguística é uma ciência cujo objecto de estudo é, por um lado, a linguagem humana, em geral, e, por outro, as línguas particulares nas quais ela se realiza nos falantes pertencentes a povos e culturas diferentes, em terras e contextos distintos. Embora tenhamos uma clara noção de que as línguas diferem muito umas das outras, também sabemos que os idiomas diferentes revelam semelhanças surpreendentes quer ao nível estrutural quer por razões históricas (em função do respectivo desenvolvimento, da mudança e do contacto linguístico), o que nos permite falar de *tipos de línguas*, organizando-as segundo uma série de critérios que parecem pertinentes para a respectiva análise.

As tipologias tradicionais são inúmeras e apresentam grau de elaboração muito variado. Se tivermos em consideração, por exemplo (Faria *et al.* (org.) 1996: 242-243 e 506-507), o critério estrutural de tipo morfológico de como são construídas as palavras em idiomas diferentes, poderemos distinguir cinco tipos de línguas: (i) analíticas (como o Chinês), (ii) aglutinantes (como o Turco), (iii) sintéticas ou flexionais (como o Latim e as Línguas Neo-Latinas ou Romances), (iv) polissintéticas (que incorporam as características aglutinantes e flexionais, como o Esquimó) e (v) infixantes (como as línguas semíticas, tais como o Hebreu e o Árabe).

Se, por outro lado, o critério for igualmente estrutural, mas de carácter sintáctico, as línguas podem ser caracterizadas tipologicamente, por exemplo, em função dos paradigmas prototípicos em que organizam os seus constituintes ao nível da frase

(Greenberg 1966): SVO, SOV, OVS, etc. ou, ainda, em função da sua capacidade de não explicitar o Sujeito ao nível sintáctico, quando ele está marcado ao nível morfológico. Esta tipologia permite, por conseguinte, dividir as línguas entre as de Sujeito Nulo (ou línguas *pro-drop*), como o Português Europeu, com a morfologia verbal rica vs. as línguas – como o Inglês e o Francês – que não podem deixar de explicitar o sujeito na frase, por, ao longo da história, terem perdido muito da sua morfologia verbal original.

No entanto, as tipologias linguísticas mais conhecidas são as mais antigas, de carácter histórico, com as suas raízes bem assentes no comparativismo oitocentista, que deram origem à tipologia genética das famílias de línguas (cf. (Faria et al. (org.) 1996: 505-506 e 565-56). Segundo esta tipologia, o Português, por exemplo, pertence à grande família das Línguas Indoeuropeias e, dentro desta, à família das Línguas Românicas (Romances ou Neo-Latinas), junto com as outras línguas provenientes do Latim, tais como o Francês, Italiano, Castelhana ou Romeno. Dentro deste grupo, ainda, o Português partilha certas características muito específicas com o Castelhana e Catalão, pertencendo ao grupo das Línguas Ibéricas.

Por conseguinte, seguindo os critérios das tipologias atrás exemplificadas, de carácter genético ou estrutural, o Português Europeu, por exemplo, é caracterizado como uma Língua Românica (dentro da família Indo-Europeia), uma língua sintética ou flexional, dada a sua rica morfologia verbal de carácter flexional, uma língua *pro-drop* (ou de Sujeito Nulo) por omitir frequentemente a realização do Sujeito (marcado morfológicamente ao nível do verbo), etc.

No entanto, as tipologias de carácter genético ou estrutural por muito elaboradas e pormenorizadas que sejam (cf. Velupillai 2012) não respondem a uma série de perguntas que nos surgem, quando comparamos a linguagem-em-uso de línguas particulares diferentes, realizada em comunidades distintas, isto é, quando a nossa análise não incide nos sistemas linguísticos – conforme privilegiado tanto pelo Estruturalismo como Generativismo –, mas quando a análise foca as produções linguísticas dos seus falantes, na sequência da distinção entre a *Linguística do sistema* e a *Linguística do uso* (cf. Evans 2014). A pergunta que colocamos, neste caso, é, *por que é que os falantes dizem o que dizem e de modo que o fazem*, ou seja, o que faz com que certos conceitos, tal como, por exemplo, os conceitos espaciais, acabam por ser expressos linguisticamente de um certo modo e não do outro (cf. Batoréo [1996] 2000). Esta perspectiva implica que a Linguagem não seja estudada como uma área separada das outras – como tem sido ao longo da tradição Estruturalista e Generativista dos últimos cem anos – mas que seja abordada em

conjunto com a Cognição humana, num binómio de Linguagem e Cognição, tal como o propõe a Linguística Cognitiva (LC) nos últimos trinta. A proposta da tipologia do Espaço e da consequente tipologia das línguas apresentada por Leonard Talmy no seio da LC propõe-se, precisamente, colmatar estas lacunas, demonstrando que não é suficiente saber como as línguas se desenvolveram umas das outras, por um lado, ou, por outro, como as suas estruturas se assemelham ou diferem. O que é verdadeiramente importante é procurar entender como o falante conceptualiza o mundo ao nível cognitivo e, também, como “traduz” esta conceptualização na língua particular em que se exprime e que dispõe de certas características e restrições específicas que podem determinar esta expressão.

Tendo em conta o objectivo principal traçado em cima, procuraremos, no presente texto¹, dar conta o que se entende pela tipologia talmiana. Assim, na próxima secção, iremos fazer uma curta caracterização da obra desenvolvida por Leonard Talmy. Na secção 3, centrar-nos-emos nos primórdios da Linguística Cognitiva (anos setenta do século XX) e na sua ancoragem na Teoria Localista, para, na secção 4, apresentar os fundamentos da teoria talmiana e as respectivas noções fundamentais. A secção 5 será dedicada à análise do esquema da situação de *Deslocação* no Espaço (Talmy 1975), enquanto a secção 6 será dedicada à *tipologia da codificação do Espaço nas línguas* (Talmy 1975, 1985). Na secção 7, será apresentada a proposta de *padrões de lexicalização do Espaço*, dando destaque a três padrões principais de lexicalização, bem como às suas extensões, focando também a abordagem holística da tipologia talmiana. Na última e oitava secção, teceremos alguns comentários finais relativos à temática da tipologia do Espaço na Linguística Cognitiva.

2. Leonard Talmy e a Linguística Cognitiva

Leonard Talmy é reconhecidamente um dos mais influentes e estudados linguistas cognitivos das últimas décadas, embora não seja o único nem sequer o mais destacado. É curioso verificar, a propósito, que, na décima conferência bianual da *International Cognitive Linguistics Association*, que teve lugar em Cracóvia (Polónia), em 2007, foram três os cientistas reconhecidos como os *grandes fundadores* (“Founding Fathers”) da Linguística Cognitiva; foram eles: George Lakoff, Ronald Langacker e Leonard Talmy.

¹ Ao longo do texto e para destaque, utilizamos algumas *convenções* que se pretendem regulares e homogéneas, tais como o uso do itálico e das maiúsculas, sobretudo no que diz respeito à terminologia específica da área em apreço. Os exemplos linguísticos são apresentados em itálico, enquanto as glosas surgem *sem* itálico. Sempre que necessário, apresentamos, em notas de rodapé, os excertos dos textos originais de Talmy, a fim de consubstanciar a teoria analisada.

Na sequência desta efeméride, é também curioso observar que, pertencendo os três académicos americanos à mesma geração e sendo praticamente da mesma idade, os três seguiram, no entanto, caminhos diferentes na sua vida profissional, hoje já com mais de cinquenta anos: cada um desenvolveu a sua própria proposta do que se pode entender como relacionamento da Linguagem e Cognição, no âmbito de uma área denominada alternadamente, ao longo dos anos, como *Semântica/ Gramática/ Linguística Cognitiva*.

As vidas dos três cientistas encontraram várias vezes alguns pontos em comum. Talmy e Lakoff, por exemplo, estudaram primeiro Matemática e só depois Linguística, o que determinou a sua orientação cognitiva e a necessidade de elaborações formais em Linguística, embora seja provavelmente o Langacker que tem vindo a apresentar a formalização mais coerente e elaborada na sua teoria da *Gramática Cognitiva*. Os três estiveram ligados de perto à vida académica da Universidade da Califórnia (Lakoff e Talmy, em Berkeley, e Langacker, em San Diego), o que lhes permitiu cruzarem várias vezes as suas formações e os seus caminhos, conforme reconhece o próprio Lakoff numa entrevista mais recente (cf. Abreu 2016a). Nos seus primeiros anos universitários, os três começaram também por fazer um trabalho de campo no âmbito das línguas nativas americanas, o que lhes permitiu ter um *insight* muito especial sobre o funcionamento e uso das línguas ainda na altura – anos sessenta e setenta do século passado – desconhecidas e perceber que o que é determinante para o estudo da Linguagem não é apenas o estudo da estrutura de uma língua, mas, antes o modo como um dado povo conceptualiza o mundo para o conseguir exprimir na sua língua nativa. Apesar destes pontos em comum, no entanto, que – aparentemente – os deveriam unir e não separar, os três cientistas nunca trabalharam em conjunto nem conseguiram encontrar elementos comuns suficientes para fazer propostas unificadoras com denominadores teóricos coesos e coerentes.

Dos três “pais fundadores” da Linguística Cognitiva, Leonard Talmy é provavelmente aquele que, ao longo de várias décadas, publicou menos e com menos visibilidade científica, criando obra mais dispersa, que, só em 2000, deu origem à publicação dos seus estudos anteriores em dois volumes, intitulados *Toward a Cognitive Semantics* (Vol. I: *Concept structuring systems* e Vol. II: *Typology and process in concept structuring*.). Nos últimos quinze anos e apesar da perda total da visão, Talmy tem-se se mostrado internacionalmente muito activo, dedicando a sua actividade a duas vertentes paralelas, sendo a primeira a internacionalização da sua publicação de 2000, com foco especial no público-alvo chinês (Cf. Bibliografia). O desenvolvimento e discussão do seu trabalho

seminal sobre a tipologia do Espaço inicialmente proposto nos anos setenta e oitenta continua promovido nas sessões temáticas organizadas nas conferências bianuais da *International Cognitive Linguistics Conference*, com cerca de vinte comunicações por cada sessão, tal como aconteceu na 11^a conferência em Xian, na China, em 2011, na 12^a conferência em Edmonton, no Canadá, em 2013, e na 13^a, em Newcastle, Reino Unido, em 2015. A segunda vertente do mais recente trabalho talmiano centra-se, no entanto, nas temáticas cognitivas relacionadas com a Física – *atenção* e com a *orientação para o alvo* (“targeting”) –, conforme testemunham dois livros da sua autoria que, neste momento, se encontram em preparação (cf. Bibliografia). São estes projectos que transparecem do que o próprio Autor diz sobre os seus planos futuros na entrevista atrás mencionada:

“The model I look to is physics, which includes both theoretical physics and experimental physics, interacting with each other. Theoretical physics without input from empirical findings would be empty, producing theories about nothing that exists out there. On the other hand, empirical research without guidance by theories is blind. It wouldn’t know what to look at next, nor what to make of its findings. So as long as there is an interaction of both aspects, that’s the healthiest state a field can be in, and I include Cognitive Linguistics in that. A current risk, though, is that the emphasis on the empirical side might downplay the importance of the theoretical side, and if that were to happen, that would be an unfortunate development within the field.” (Abreu 2016: 20).

Voltando aos primórdios da investigação talmiana, que deu origem à sua conhecida tipologia do Espaço e, conseqüentemente, à respectiva tipologia das línguas – tópicos que serão o núcleo do presente texto – referimo-nos a dois estudos basilares, de 1975 e 1985, que, posteriormente, foram revistos e aprofundados² na publicação de 2000, sobretudo no cap. 3 do Vol. I – *How Language Structures Space* – e na parte I – *Typological Patterns in the Representation of Event Structure* (cap. 1, 2 e 3) do Vol. II. Esta importância é explicitamente reconhecida pelo próprio Autor:

“Of my own work, probably the papers most influential in building up a critical mass for this new perspective on language were those involving spatial structure; figure and ground analysis; my early work on causation, which also showed up in my dissertation, and that eventually led to Force Dynamics; and of course the work on Motion event structure.” (Abreu 2016:19).

A temática da tipologia espacial, nas palavras do próprio Talmy, surgiu naturalmente no seu trabalho de campo na fase da preparação do doutoramento em Linguística e, até certo ponto, foi fruto de acaso:

“My Motion event typology began when I simply noticed how Spanish and English represented Motion events differently. Now, at that time, the Linguistics department favored working on American Indian languages. So, as part of my graduate student research, I went driving around

² Em Talmy (2000), surgem algumas temáticas espaciais originais, não trabalhadas nos estudos anteriores, mas de grande importância para a abordagem do Espaço, tal como o que o Autor designa por *Movimento Fictivo (Fictive Motion)* (cf. cap. 2, no Vol. I). Por o presente trabalho se centrar apenas nos fundamentos da teoria talmiana dos quais esta temática historicamente não faz parte, não nos iremos debruçar, neste momento, sobre a referida problemática.

looking for a Californian Indian language to analyze, and met an Atsugewi speaker with whom I worked. It turned out that that language had a third major way of representing Motion. This was a lucky accident, since this type was one of the rarer in the world. So I found a three-legged stool to base the typology on, and with this basis I could then refine the typology by looking at still other configurations that languages had, such as split systems, mixed systems, minimal systems, and so forth.” (Abreu 2016: 18).

As próximas secções do presente texto irão, precisamente, demonstrar como Talmy elaborou o seu “three-legged stool” da tipologia espacial das línguas mencionado acima e como, com ele, se tornou um dos mais conhecidos e influentes linguistas cognitivos vivos dos nossos tempos.

3. Os primórdios da Linguística Cognitiva e a ancoragem na Teoria Localista

O Espaço dispõe desde sempre de um lugar privilegiado no seio da Linguística Cognitiva, na medida em que a *Teoria Localista* (ou *localismo*), tal como definida por Anderson (1971), transparece na sua conceptualização, organização e formalização quer de um modo implícito quer de maneira mais assumidamente explícita. A *Teoria Localista* baseia-se na convicção de que a organização espacial é central na cognição humana e defende o papel fundamental das expressões linguísticas de carácter espacial na constituição de esquemas estruturais doutro tipo de expressões. Esta convicção transparece, por exemplo, nos trabalhos de Miller & Johnson-Laird (1976: 375) ou de Lyons (1977: 718); também na *Gramática do Caso* (*Case Grammar*) de Fillmore (1968), segundo a qual a linguagem é abordada em função dos papéis relacionais, isto é, *casos* semânticos desempenhados pelos elementos da estrutura frásica, este pressuposto é visível: de entre os *casos* de Fillmore destacam-se, por exemplo, o caso denominado Locativo, tal como os outros de carácter *espacial*: Origem, Alvo ou Percurso.

No início dos anos oitenta, nos primórdios da área que hoje conhecemos com a Linguística Cognitiva, o nome utilizado para a denominar por um dos seus mais destacados representantes – Ronald Langacker – era, precisamente, *Space Grammar*, sendo apenas posteriormente alterado para *Cognitive Grammar*. É em 1982 que Langacker publica o artigo *Space Grammar, Analysability, and the English Passive*, em que procura estabelecer, explicitamente, os fundamentos para uma nova visão da teoria linguística³. Consequentemente, não se trata, aqui, de uma gramática do Espaço – como

³ "A descriptive framework called Space Grammar is outlined, in particular its approach to semantic structure and grammatical valence relations. The concepts are applied first to nominal structures and to the English passive construction. It is claimed that be, by, and the participial morpheme are all meaningful, and that passives are not derived from an active clausal source" (Langacker, 1982: 22). Para as bases teóricas da *Space Grammar* ver: Langacker, 1982: 23.

poderíamos pensar pela aparente sugestão do título –, mas de uma gramática de carácter (espacialmente) abrangente, cujo objectivo é definir o espaço semântico em função da conceptualização do espaço físico. Por conseguinte, o que é *espacial* não é o próprio objecto da investigação, mas o método utilizado. É nesta base que surge a metodologia espacial proposta por Langacker e baseada em duas noções operacionais de carácter fundamental, composta pelo referente – *Trajector* (*Trajector*), cuja posição (espacial) se define em função de um *relatum* – o *Marco* (*Landmark*) – na explicitação operacional do aparelho conceptual defendido há muito pela *Teoria Localista*. A Linguística Cognitiva surge, assim, assumidamente localista pela metodologia escolhida⁴. Mas não é só a metodologia que é *espacial* na Linguística Cognitiva: o objecto de pesquisa tende a ser o próprio Espaço, pelo seu carácter existencial e perceptualmente fundamental na experiência humana, enquanto os outros domínios⁵ – tal como o Tempo ou domínios de carácter abstracto – são analisados indirectamente *através* do Espaço, sendo conceptualizados através da metaforização, conforme defendido, por exemplo, na *Teoria da Metáfora Conceptual* (Lakoff & Johnson 1980), bem como nos trabalhos posteriores sobre a *corporização* (*embodiment*) de inspiração lakoffiana.

4. Os fundamentos da tipologia de Leonard Talmy: noções fundamentais

No conjunto da investigação desenvolvida sobre a expressão do Espaço, a pesquisa de Leonard Talmy ocupa um lugar especial. Muitos dos estudos efectuados anteriormente neste domínio incidem sobre a problemática referente a como os falantes correspondem, naturalmente, às estratégias que lhes elicitam comportamento verbal de carácter espacial. Os estudos de Talmy, pelo contrário, não procuram contextualização propositadamente natural, mas esforçam-se no sentido de proporcionar introspecção de subtilezas semânticas do Espaço, proporcionadas pelas intuições dos falantes nativos de Inglês (cf. Fillmore, 1983: 319). É precisamente esta preocupação e abordagem sistémica

⁴ É importante chamar aqui a atenção para a problemática da terminologia utilizada em LC: dada a pluralidade e diversidade de teorias abrangidas pela LC, é importante prestar grande atenção à terminologia específica por cada delas utilizada: "The terminology in this area is confusing, partly because different terms may be used by different authors (or even by the same author in different publications) to refer to what seems to be the same construct, or the same term may be used to refer to to very different constructs. Furthermore it is not at all clear that it is possible to make clean conceptual distinctions in this area." (Talmy, 1989: 87).

⁵ Uma das noções-base na proposta de Langacker é constituída pela entidade cognitiva "Domínio", definido de um modo sumariamente especial: "*Domain* - a coherent area of conceptualization relative to which semantic units may be characterized. Three-dimensional space, smell, color, touch sensation, etc. are basic domains. A concept or conceptual complex of any degree of complexity can function as an abstract domain (e.g. the human body, the rules of chess, a kinship network)." (Langacker, 1987: 488.)

que leva Talmy, a longo prazo, à elaboração de uma tipologia espacial de carácter teórico. E se um dos seus artigos se intitula *How language structures space*, é porque uma das suas preocupações principais é a caracterização da interacção entre o cognitivo e o linguístico na expressão do Espaço.

4.1. Carácter semântico da Gramática: itens linguísticos abertos e fechados na teoria talmiana

Os estudos de Leonard Talmy iniciados, em 1972, com a dissertação de doutoramento *Semantic Structures in English and Atsugewi*, foram desenvolvidos, na sua fase inicial, ao longo de quase duas décadas (Talmy, 1972, 1975, 1978, 1983, 1985, 1988), inserindo-se num enquadramento teórico que Fillmore (1983: 317) *chamou the semantics of grammar* e que melhor parece desvendar, no seio da LC, a aparente contradição trazida pelo tratamento genericamente indistinto – na sua acepção tradicional – dos termos *gramática*, *linguística* e *semântica*. Se, para os cognitivistas, toda a Linguística tem carácter semântico, do mesmo modo, toda a Gramática pode ser interpretada em função da mudança do significado de que é portadora. Para explicitar esta convicção, na primeira fase do seu trabalho relativa aos anos setenta, Talmy elabora uma distinção entre os itens linguísticos tanto *lexicais* como *gramaticais*: enquanto os primeiros são portadores de significado e criadores da substância da *imagem* de um texto, os outros, de carácter gramatical, determinam a forma desta *imagem*. Nos anos oitenta, esta elaboração dá origem ao conteúdo e à estrutura da representação cognitiva do (fragmento do) discurso comunicado pelo locutor ao alocutário, dois subsistemas da linguagem com funções semânticas diferentes (cf. Talmy, 1988: 165-166). Embora esta distinção corresponda, em termos gerais, à divisão tradicional de marcadores (morfemas) linguísticos em classes abertas e fechadas⁶, a classificação específica, efectuada por Talmy na análise do Inglês, nem sempre corresponde à tradicional. Assim, por exemplo, enquanto as preposições, os pronomes ou os marcadores temporais constituem classes

⁶ "The linguistic term "open-class" refers to any set of elements, e.g., noun stems, that is quite large in number and can rather readily add new members. "Closed-class" is applied to a set of elements - e.g., verbal inflections for tense, pronouns, prepositions - that are relatively small in number and fixed in membership" (Talmy, 1983: 227, nota 2). Cf. também: "This distinction, elaborated in earlier work of Talmy's for many grammatical-semantic domains (1978), is seen as matching a distinction between "open classes" of words and "closed classes" of words and other forms, the assumption being that while (say) nouns and verbs can be easily added to and subtracted from without endangering the integrity of any larger lexico-semantic system, such elements as prepositions, particles, demonstratives, tense markers, number markers, and pronouns, form "closed classes" of forms that operate together to form a coherent and closed (and typically, but not always, mutually exclusive interdefining, and domain-exhausting) system of categories." (Fillmore, 1983, 315).

tradicionalmente *fechadas*, Talmy propõe esta classificação, também, para os conjuntos – tradicionalmente *abertos* – de itens lexicais, tais como os adjectivos relativos ao carácter tridimensional dos objectos, por exemplo, *alto, largo, baixo, comprido, estreito, fundo*, etc O mesmo argumento abrange a classe lexical bem determinada e, igualmente, *fechada* de verbos locativos relativos ao modo da disposição espacial, frequentes nas Línguas Germânicas e Eslavas, de tipo dos verbos ingleses *sit, stand, lie, etc*⁷.

Segundo o Autor, exemplo típico de uma classe *fechada* é constituído pelas preposições. Ao debruçar-se sobre a sua análise, Talmy defende que o emprego diferenciado de preposições inglesas na determinação de deslocação em vários tipos de veículos traduz tipos diferentes de esquema imagético por elas traduzido. Assim, por exemplo, se, em Inglês, viajamos *dentro de* carros (*in cars*), mas *sobre* autocarros e comboios (*on buses, trains*), existe, de facto, um esquema cognitivo diferenciado, subjacente a esta duas situações⁸. Os automóveis, em Inglês, são concebidos como contentores, em relação aos quais o movimento pode ser efectuado quer para dentro do interior (*get into the car*) quer para fora dele (*get out of the car*). Pelo contrário, tanto os comboios como os autocarros dispõem de uma coxia interior, em que os passageiros estão de pé ou se deslocam a pé (situação totalmente impossível no interior de um carro), fazendo com que estes dois tipos de veículos sejam concebidos como *suportes* e não como *contentores*. Se o comboio e o autocarro funcionam cognitivamente como *suporte*, o Movimento é efectuado em relação à *superfície*: *get onto* ou para fora dela: *get off of* (Fillmore, 1983: 318-319) e não em relação ao *interior*, como no caso do carro. É, precisamente, esta conceptualização do autocarro como *superfície de suporte* que deu o nome aos autocarros turísticos do tipo *double-deck* internacionalmente popularizados nas grandes metrópoles: “*hop-on-hop-off*”.

4.2. Categorias e sistemas integrados

⁷ "To this open-class group in English belong a number of "dispositional" verbs that characterize how certain complex geometric objects, including the human body, enter a variety of configuration and, in some cases, relate spatially to further reference objects: bow, bend, crouch, squat, kneel (on), lie (on), sit (on), stand (on), lean (against), hang (from), hyddle (together)." (Talmy, 1983: 273).

⁸ "This later idealization has some historical appropriateness, since it was originally applied to topless carts and stages, but it has since frozen into a fixed image inflexibly imposed on the new object. True, the use of the bus floor as a walkway is a salient part of the bus scene, lacking in that for a car, which might perpetuate its schematization as a platform. But this is not necessarily a determining factor - german has also pre-schematized cars and buses, but treats them *both* as enclosures. And in any case, the point demonstrated by the bus case is the necessity (in everyday speech) of using the platform schema over the enclosure one, and the pre-selectivity on the part of English that this shows." (Talmy, 1983: 267).

Segundo Talmy (1988), a organização conceptual da linguagem é determinada por padrões de noções com regularidades funcionais e processuais, formando categorias, que, por sua vez, constroem sistemas integrados (1988: 173-174). Postula-se, assim, carácter universal dos conceitos reunidos em inventários inatos (“innate inventory of concepts”) e com função estruturante na linguagem (Talmy, 1988: 197). O Autor distingue (cf. Talmy 1988:173-195) mais de uma dezena de categorias padronizadas de noções especificadas gramaticalmente, tais como, *plexidade*, *grau de extensão*, *divisibilidade* ou *padrão de distribuição*. A primeira de todas as categorias é a de *dimensão* que abrange a homologia do Espaço-Tempo e cruza todas as outras categorias⁹.

O carácter fundamental do Espaço na construção conceptual da Linguagem transparece muito cedo na teoria talmiana, visando uma análise da linguagem que se desenvolve em dois planos e que exige focagem simultânea macro e microscópica, baseando-se na, já anteriormente apresentada, divisão entre as classes *abertas* e *fechadas* de itens linguísticos (Talmy, 1983: 227-228). Em todos os estudos, o Autor procura provar que a natureza geral da representação cognitiva passa pela determinação da conceptualização do domínio do Espaço e, sobretudo, pela tentativa de descrição de modo como a Linguagem estrutura o Espaço¹⁰. O que se pretende, no entanto, não é uma descrição pormenorizada que atenda a todos os pormenores, mas de uma outra que vise os *padrões* estabelecidos pelas distinções básicas de carácter *geométrico* e *dimensional* que são marcados ao nível linguístico. Talmy dá um destaque especial à *esquematização*, ou seja, a um processo de selecção sistemática de certos aspectos da cena referencial como um todo em detrimento de outros, que se caracteriza por *idealização*¹¹, *abstracção*¹² e

⁹ "The first category, "dimension", includes this space-time homology, and largely crosscuts the remaining categories. These categories will, in the majority, apply to both space and time (...). The category of "dimension" has two principal member notions 'space' and 'time'. The kind of entity that exists in space is - in respectively continuous or discrete form - 'matter' or 'objects'. The kind of entity existing in time is, correspondingly, 'action' or 'events' - terms here used neutrally as to whether the entity is static or changing." (Talmy, 1988: 174.)

¹⁰ "Our examination of how language structures space has not only uncovered basic characteristics of a significant system, language, but has also shed light on the general nature of conceptual representation in that same system." (Talmy, 1983: 281).

¹¹ "The actual "literal" referent of any spatial expression, such as an English preposition, is a particular assemblage of primitive geometric components in the form of an abstract schema. This schema, however, must be conceptually applied to a full, repletely detailed referent. The term *idealization* will refer to this process of "application", where a referent spatial entity is conceptually idealized in terms of a schema applied to it. Idealization, thus, includes the process by which familiar objects, in all their bulk and physicality, are differentially "boiled down" to match ascribed schemas" (Talmy, 1983, 258-259).

¹² "'Abstraction" is one way to name the complementary property to idealization. While idealization involves finding within a physical object the delineation that corresponds to a particular schema, abstraction involves ignoring the rest of the object" (Talmy, 1983, 261).

*plasticidade topológica*¹³. A *esquematização* baseia-se em *esquemas (schemas)*, isto é, abstrações individuais com carácter esquemático que correspondem a expressões linguísticas espaciais, tais como, por exemplo, as preposições e que podem ser analisadas em três níveis hierarquicamente organizados (Talmy, 1983: 258).

4.3. Sistema Imagético e Esquema Imagético de Talmy

A noção-chave para a descrição do Espaço destacada por Talmy é a do *Sistema Imagético (imaging system)*. Talmy distingue quatro *sistemas imagéticos* que determinam a conceptualização do Espaço Talmy (1983, 253-254): a *geometria*, a *perspectivação*, a distribuição de *atenção* prestada à cena referencial e a *dinâmica de forças* existente em cada situação. Veja-se, a título de exemplo (cf. ex (41) em: Talmy 1983: 258), que, quando nos estamos a referir às sardas na cara de uma criança, podemos fazê-lo, focando/perspectivando aspectos diferentes. Quando o que está em jogo é o pormenor, podemos dizer '*Há sardas na cara do rapaz*'. Se, pelo contrário, o que interessa é o *enquadramento* das sardas, dizemos: '*O rapaz tem sardas (na cara)*'. No caso de um foco médio, menos marcado, poderá dizer-se qualquer coisa como '*A cara do rapaz tem/apresenta sardas*'. Num outro caso, na referência a uma viagem, pode dizer-se: '*Viajaram de Lisboa ao Porto*', destacando apenas o ponto de partida, isto é, a *Origem* da viagem, e o ponto de chegada, isto é, o *Alvo* da viagem. Numa outra maneira de se referir ao mesmo acontecimento, pode dizer-se '*Viajaram de Lisboa ao Porto, atravessando o litoral todo*'. Neste caso, além da *Origem* e do *Alvo*, destaca-se, também, o *Percurso* efectuado, perspectivando o acontecimento e focando a atenção de um modo diferente do que no caso anterior.

A importância da *esquematização* de um domínio semântico e, muito especialmente, do Espaço, assim como as propostas acerca da sua *conceptualização*, *idealização*, *abstracção* e da existência de um *sistema imagético* mostram-se muito produtivas em Linguística Cognitiva. É, sem dúvida, em Talmy que se devem procurar as raízes do *Esquema Imagético (image schema)*, largamente operacionalizado e discutido por Lakoff (1987), Johnson 1987) e outros autores, sem que se mencione a *paternidade* talmiana. O *Esquema Imagético* (cf. Johnson, 1987: 29) é definido como uma estrutura de natureza

¹³ "First, there is consideration of the foundational role played in linguistics space descriptions by schematization - a processes that involves the systematic selection of certain aspects of a referent scene to represent the whole, while disregarding the remaining aspects. (...) The little recognized properties of schematization (...) include idealization, abstraction, and a topological type of plasticity, as well as a disjunct character, which permits alternative schematizations of a single scene." (Talmy, 1983, 225-226).

pré-conceptual e não-proposicional, profundamente enraizada na experiência humana, ou seja, na percepção, no movimento do corpo e na manipulação física dos objectos. O *Esquema Imagético* tem alguns pontos comuns com o *Modelo Mental*, trabalhado por Johnson-Laird (1983), mas difere dele pela sua estrutura esquemática. Enquanto o *Modelo Mental* dispõe de uma riqueza de pormenores referentes a vários marcos da deslocação, o *Esquema Imagético* traduz a imagem contida no modelo para um esquema estruturado, comum a todas as instâncias da acção representada, numa sequência que parte das mais prototípicas até às mais periféricas da prototipicidade. Trata-se, assim, não de uma representação semântica específica, nem de uma imagem estática, mas de um esquema dinâmico e flexível para a organização da nossa experiência e compreensão.

4.4. Elementos para a definição talmiana da *Situação de Deslocação no Espaço*

No que diz respeito à caracterização das relações espaciais, e na sequência dos trabalhos contemporâneos de Fillmore (1982 e 1983) e Johnson-Laird (cf. Miller & Johnson-Laird, 1976), Talmy defende que as relações espaciais podem ser de carácter *estático* ou *dinâmico* (neste caso, trata-se de *Movimento*). Define, ainda, que a conceptualização do *Movimento* implica determinar a *Origem*, onde este se inicia, um *Alvo*, para onde se dirige (independentemente de o vir a atingir ou não) e um *Percurso*, ou seja a via onde se realiza o *Movimento* entre a *Origem* e o *Alvo*. O *Percurso* com os seus pontos de começo e de fim bem distintos constitui o núcleo conceptual do *Movimento*, evidenciando a interdependência entre o *Espaço* e o *Tempo*. O *Percurso* pode ser conceptualizado de modos diferentes (*através de*). Se houver, por exemplo, relacionamento de interioridade entre o *Percurso* e o *Fundo* (isto é, *relatum*), o *Movimento* efectuado pela *Figura* (isto é, referente) é *através e por dentro* do *Fundo*, o que, numa língua como o Inglês, será lexicalizado na preposição *through* (*através de*). Se, pelo contrário, o *Movimento* for de *superfície*, no sentido de travessia para a outra "margem" do *Fundo* – ou seja, *através de + por cima* –, em Inglês, esta relação traduzir-se-á por *across* (*através de*), o que – em ambos os casos – dará origem, em Português, ao item polissémico *através de*. No sentido metafórico, o *Movimento* pode ser, também, realizado no *Tempo*. O *Percurso* pode ser conceptualizado tanto linearmente como na qualidade de uma fronteira entre duas áreas. Defende-se, por conseguinte, que o estudo

pormenorizado do (tipo de) *Fundo* é indispensável para a determinação da referência espacial e, por este meio, para a descrição adequada da expressão linguística do Espaço¹⁴.

Na teoria talmiana, as relações espaciais são definidas em função do relacionamento da *Figura* (que corresponde ao *Trajector* langackeriano) e o *Fundo* (o correspondente ao *Marco* de Langacker)¹⁵. Comparando a sua proposta (Talmy 1985: 61) de distinção de *Figura* e *Fundo* com a dos *casos* de Fillmore (1968), o Autor aponta (Talmy 1978: 646-648) para quatro factores principais na explicação da superioridade da sua classificação. Em primeiro lugar, Talmy aponta que ao distinguir seis casos não-agentivos – *Origem* (*Source*), *Alvo* (*Goal*), *Percurso* (*Path*), *Locativo* (*Locative*), *Paciente* (*Patient*) e *Instrumental* (*Instrumental*) – Fillmore não indicou o seu carácter intrinsecamente espacial, distinção proporcionada apenas pela classificação talmiana *Figura/Fundo*. Em segundo lugar, Fillmore não menciona que os quatro primeiros casos dos seis acima mencionados (isto é, *Origem*, *Alvo*, *Percurso* e *Locativo*) apresentam uma característica comum, ou seja a correspondência a um ponto de referência, o que na classificação de Talmy corresponde à noção do *Fundo*. Em terceiro lugar, da classificação de Fillmore não transparece o facto de os três primeiros casos mencionados corresponderem à *Deslocação dinâmica* e o quarto à *Localização estática*, o que Talmy explicita por meio de construções alternativas, respectivamente, *MOVER* e *ESTAR*. Por último, Talmy aponta que o sistema de casos de Fillmore não permite, por exemplo, uma análise mais fina ao nível proposto, tal como, por exemplo, a abstracção da noção de *Suporte* dos casos *Locativo*, *Alvo* e *Origem*, conforme ilustrado pelas construções inglesas *on N* (*Locativo*), *onto N* (*Alvo*) e *off of N* (*Origem*)¹⁶.

Tendo em conta esta análise comparativa e as vantagens e desvantagens apresentadas por cada uma das propostas, verifica-se que a introdução do contraste

¹⁴ "Spatial language is used primarily to indicate where things are; indicating where things are is frequently an important aspect of identifying or referring to them; identification and reference are critical aspects of linguistic communication. We see no way to deal with all the procedures whereby specific objects in particular locations are identified or referred to without including deictic relations, so the virtues of including them as procedural schemata, similar to other schemata proposed for nondeictic words, seem to us to outweigh any problems that may result from our failure to draw sharper distinctions between our semantic and pragmatic hypotheses" (Miller & Johnson-Laird, 1976, 410).

¹⁵ Cf. Secção 3. Ver, também, Croft & Cruse (2004: 56-58). Observe-se, também, o seguinte comentário de Slobin: "The terms 'Figure' and 'Ground' are taken from gestalt psychology but we give them a distinct semantic interpretation here. the Figure is a moving or *conceptually movable* object whose path or site is at issue; the Ground is a reference-frame, or a reference-point stationary within a reference-frame, with respect to which the Figure's path or site is characterized." (Slobin, 1993: 245).

¹⁶ Cf. Secção 4.1. Veja-se, também: "The present system's Path component must face comparable issues - i.e., where and how to represent all the distinctions and capture all the generalizations relevant to spatiotemporal characteristics - but it has more, and more flexible, internal machinery to do so, not the single dimension of noun cases that must also suit other, quite distinct functions" (Talmy, 1978: 648).

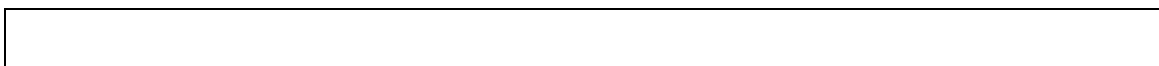
espacial *Figura/ Fundo* permite uma perspectivação mais detalhada e, muitas vezes, mais abrangente das relações semânticas da linguagem. Assim, parece adequado considerar a proposta de Talmy como cumulativa e não como alternativa em relação à de Fillmore, juntando o critério do relacionamento *Figura/ Fundo* ao dos papéis temáticos e à atribuição do caso.

Estudando a aplicação das noções *Figura vs. Fundo* aplicadas numa focagem mais “microscópica” à sintaxe de frases complexas (Talmy 1978:625), o Autor define-as com mais precisão em função das características sintáctico-semânticas a que correspondem. Assim, a *Figura* corresponde ao acontecimento resultativo, posterior no tempo e referido de modo assertivo na oração principal, enquanto o *Fundo*, pelo contrário, corresponde ao acontecimento pressuposto, anterior no tempo, com função causativa e correspondente à oração subordinada ao nível frásico. Esta determinação quanto à direccionalidade de ocorrência das duas noções parece ter carácter universal. Daí, termos construções como, por exemplo: *Saímos de casa* (*Figura*) *embora estivesse a chover* (*Fundo*) e não **Estava a chover* (*Figura*) *o que deu como “contra-efeito” e “contra-acção” a nossa saída de casa* (*Fundo*) (cf. Talmy 1978: 625).

5. O esquema da Situação de Deslocação no Espaço (*Motion Situation*) – Talmy (1975)

Já em 1975, baseando-se nos dados do Inglês e da língua indígena Atsugewi, da família Hokan do norte da Califórnia, Talmy estabelece o esquema básico estruturante da *Situação de Deslocação no Espaço (*Motion Situation*)*, que abrange tanto o *Movimento* como a *Localização Estática*¹⁷. O Autor (Talmy, 1975: 182) define-a como uma situação em que um objecto – a *Figura* – se encontra localizado ou em movimento em relação a um outro objecto – o *Fundo* – num *Percurso* (Talmy, 1975: 182).

Cada um dos termos definidores desta situação, isto é, a *Deslocação*, a *Figura*, o *Fundo* e o *Percurso*, têm que ser entendidos como termos relacionais (e não absolutos) referentes a funções semânticas desempenhadas na *Deslocação* pelas suas componentes (Talmy, 1975:182). Entende-se, por conseguinte, que a estrutura semântica correspondente pode ser representada, simbolicamente, conforme esquematizado no Quadro 1:



¹⁷ É precisamente esta a razão que não nos permite traduzir *Motion Situation* como *Situação do Movimento*, visto esta proposta ser redutora, por eliminar a *Situação Estática*, simbolizada por ESTAR.

SITUAÇÃO DE DESLOCAÇÃO:

Figura + DESLOCAÇÃO + PERCURSO + Fundo.

Quadro 1: Esquema estruturante da *Situação de Deslocação no Espaço* (Talmy 1975)

Para uma dada língua particular, a *Situação de Deslocação* é especificada por uma construção sintáctica dela característica¹⁸. Assim, os constituintes especificadores da *Figura* e do *Fundo* têm carácter *nominal*, os do *Percurso* têm carácter *preposicional* e os da *Deslocação* apresentam carácter *verbal*. O verbo que corresponde à *Deslocação* é simbolizado por *MOVER*, quando se trata de movimento, ou por *ESTAR*, no caso da localização estática (CF. Quadro 2, em baixo). Uma constituinte que ao nível funcional se junta ao verbo é considerada como o seu *Satélite*¹⁹, constituindo com ele um *Complexo Verbal* (Talmy, 1975:182). Os *Satélites* podem ser presos ou livres, isto é, constituídos por afixos, advérbios, partículas, etc.

Para caracterizar o *Fundo de Deslocação*, Talmy introduz duas noções de base (Talmy, 1975: 198) – a *extensão* e a *fronteira* – sem, no entanto, as definir explicitamente. Por um lado, o Autor refere-se aos pontos espaciais *sem extensão* (*unextended*), isto é, os

¹⁸ "It is now posited that a motion situation is specified at the underlying level of all languages by a particular structure, to be termed the MOTION STRUCTURE and symbolized Sm. Each constituent of the motion structure specifies a particular component of the motion situation and belongs to a particular grammatical category. (...). The V node must and can only dominate either of two particular verbs – henceforth to be represented as MOVE and BEI (a mnemonic for 'be-located) – which specify the two motive states of the motion situation (...)" (Talmy, 1975: 182-183).

¹⁹ Na análise dos satélites (1985, cap. 2.0), Talmy sublinha que nem sempre é fácil classificar um constituinte como um *Satelite*: "Present in many if not all languages, satellites are certain immediate constituents of a verb root other than inflections, auxiliaries or nominal arguments. They relate to the verb root as periphery (or modifiers) to a head. A verb root together with its satellites forms a constituent in its own right, the "verb complex", also not generally recognized. It is this constituent as a whole that relates to such other constituents as an inflexional affix-set, an auxiliary, or a direct object noun phrase. In some cases, elements that are encountered acting as satellites to a verb root otherwise belong to a particular recognizable grammatical categories; therefore, it seems better to consider the satellite role not as a grammatical category in its own right but as a new kind of grammatical relation." (Talmy, 1985: 102). Cf. também: "There is some indeterminacy as to exactly which kinds of constituents found in construction with a verb root merit satellite designation. Clearest are the forms named next in the text, such as English verb particles, Latin verb prefixes, Chinese resultative complements, and the non-inflectional affixes in the Atsugewi polysynthetic verb. Probably also deserving satellite status are such compound-forming verbal adjuncts as the first element in English (to) test-drive; on the other hand, free adverbs, even ones related semantically to the verb-root rather than (say) to the whole clause, seem less like satellites. Also seeming to merit satellite status are the incorporated nouns in Iroquoian polysynthetic verbs, whereas pronominal clitics as in French seem less to do so and full noun phrases are entirely excluded. What status should be accorded such verb-phrase forms as a negative element or closed-class particles like English *only* and *even* is uncertain. It is not clear whether this indeterminacy is due to the present theory's early stage of development or to a cline-like character for the satellite category. (...) There appears to be a universal tendency toward satellite formation: elements with certain types of meaning tend to leave the locations in a sentence where they logically belong and move into the verb complex. This tendency, whose extreme expression is polysynthesis, is also regularly evident in smaller degrees." (Talmy, 1985: 148-149, notas 41 e 42.)

pontos propriamente ditos, e os *com extensão* (*extended*), isto é, planos e volumes, enquanto, por outro lado, distingue extensões espaciais *delimitadas* (*bounded*) e extensões espaciais *sem fronteira estabelecida* (*unbounded*).

O núcleo da *Situação de Deslocação* é constituído, por conseguinte, por um sistema conceptual (Talmy, 1975: 198 e ss.) potencialmente universal de sub-situações abstractas de *Movimento/ Localização* definidas em função de *pontos espaço-temporais* e *extensões espaço-temporais*, conforme especificado no Quadro 2:

Estruturas-base da Situação de Deslocação		
(i)	um ponto ESTÁ EM um ponto	(p. ex., <i>morar</i> em Lisboa);
(ii)	um ponto MOVE(-SE) PARA um ponto	(p. ex., <i>ir</i> ao teatro);
(iii)	um ponto MOVE(-SE) DE um ponto	(p. ex., <i>chegar</i> de viagem);
(iv)	um ponto MOVE(-SE) POR um ponto com extensão	(p. ex., <i>andar</i> pela cidade);
(v)	um ponto MOVE(-SE) EM RELAÇÃO a uma extensão	(p. ex., <i>correr</i> durante uma hora);
(vi)	um ponto MOVE(-SE) EM RELAÇÃO a uma extensão delimitada	(p. ex., <i>percorrer</i> 100 metros em 10 segundos).

Quadro 2. Estruturas-base do tipo espacial do núcleo do sistema da *Situação de Deslocação* (Talmy 1975)

No que diz respeito ao funcionamento das estruturas-base do tipo espacial verificados nos exemplos portugueses do Quadro 2, observe-se que, enquanto as quatro primeiras têm uma representação espacial fundamental em Português, as duas últimas traduzem-se mais facilmente em oposições de carácter aspectual do que propriamente espacial²⁰.

²⁰ Cf. a secção 7.5., mais à frente. Na proposta claramente aglocêntrica de Talmy, trata-se, prototipicamente, das oposições espaciais *through* e *across* em Inglês (oposições não realizadas em Português), que correspondem a *MOVER através de* (isto é, *atravessar*). No caso de *through*, trata-se do subesquema (v), em que o meio em que a deslocação é efectuada não apresenta nenhuma fronteira abstracta, como em, por exemplo, *The ball sailed through the windowpane/ the arch* (a bola atravessou o vidro/ o arco). No caso de *across*, em (vi), o que está conceptualmente subjacente é a ideia de fronteira que é preciso atravessar como, por exemplo, um rio, uma rua, etc., em que a deslocação é feita de uma *margem* (limiar) a outra: *He passed across the river/ street* (atravessou o rio, a rua). Para a discussão deste tipo de exemplos, veja-se, em pormenor, a secção seguinte. É preciso notar, também – embora Talmy não o faça explicitamente – que a marcação aspectual perfectiva pode delimitar uma extensão à partida não-delimitada, como no caso *He walked up the ladder (in 20 seconds)* (subiu a escada em vinte segundos), *He walked*

6. Tipologia de codificação do Espaço nas línguas – Talmy (1975, 1985)

Enquanto, na sua obra de 1975, Talmy elabora fundamentos para uma tipologia espacial das línguas, só os irá aperfeiçoar e desenvolver mais tarde. Partindo, inicialmente, da observação da expressão do Espaço em Inglês e em Castelhana, o Autor (Talmy 1975: 206-207) defende que – ao contrário do que se pode observar em Castelhana – muitas das Línguas Indoeuropeias apresentam um padrão semântico em que o *Modo* como a *Deslocação* é efectuada é transmitido pelo *verbo*, resultando de uma *fusão do significado (conflation)*, enquanto o *Percurso* se traduz em *satélites*, quer por partículas, como as que fazem parte de *phrasal verbs*, em Inglês, quer por afixos, como em Alemão, Latim ou em Línguas Eslavas.

Dez anos mais tarde, Talmy (1985: 59 e ss.) desenvolve a sua proposta inicial de 1975, definindo que o tipo de escolha ao nível de *verbos espaciais* é determinada – tipologicamente – pelos *esquemas de gramaticalização* característicos de tipos de línguas naturais. A tipologia proposta por Talmy prevê a existência de *dois tipos de línguas* (Quadro 3):

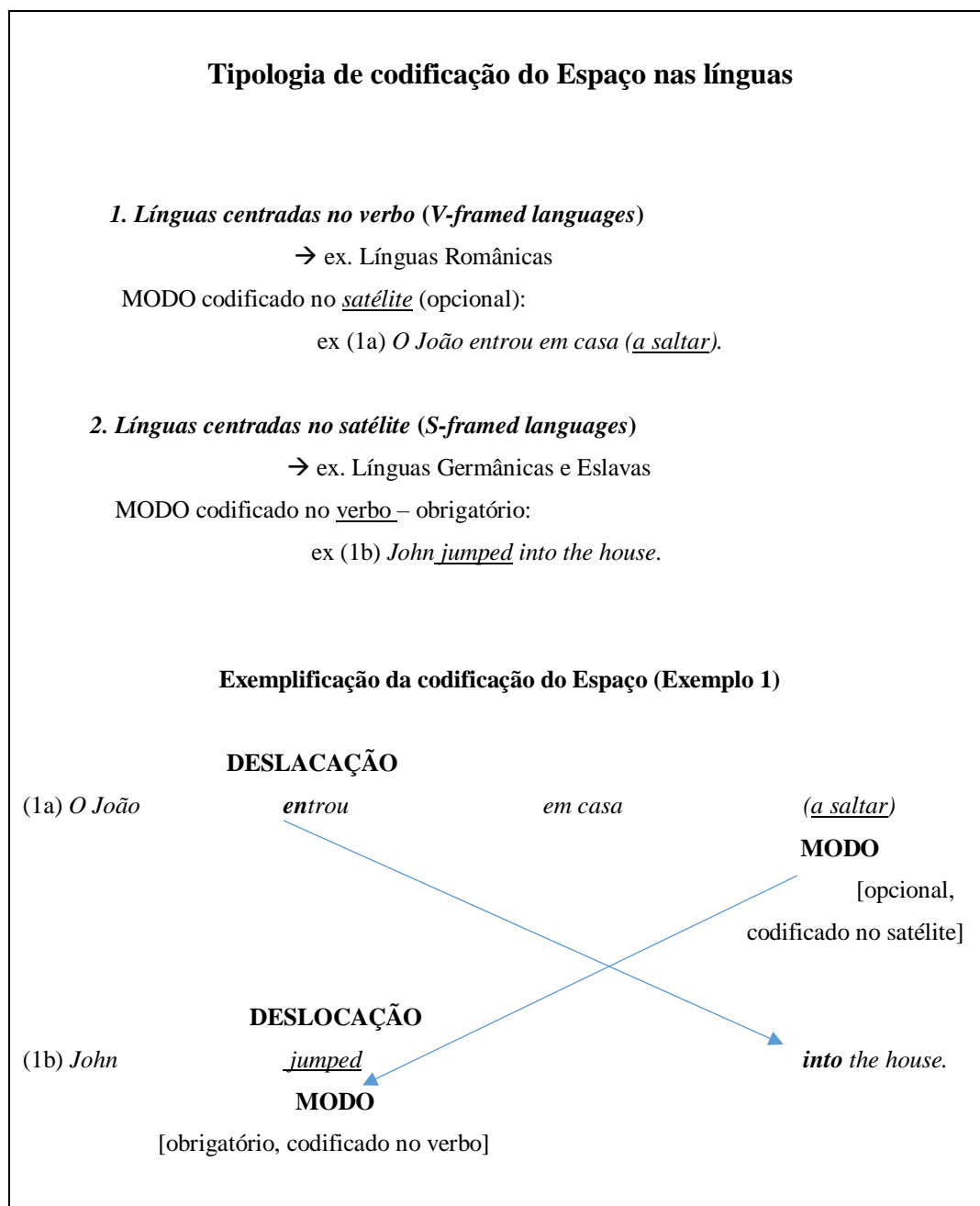
- (i) línguas em que a informação principal acerca da relação espacial é transmitida pelo *verbo*, isto é, *línguas centradas no verbo (verb-framed languages ou V-framed)* e
- (ii) línguas em que esta informação é veiculada pelas *partículas/preposições* ligadas ao verbo que formam *satélites*, isto é, *línguas centradas no satélite (satellite-framed languages ou S-framed)*.

Ao primeiro tipo – *línguas centradas no verbo* – pertencem, por exemplo, as Línguas Românicas, que transmitem a informação-base sobre o tipo de movimento pelo próprio *verbo* (p. ex., *Movimento para dentro: entrar, Movimento para baixo: descer*), enquanto o *Modo* em que o movimento é efectuado (p. ex., *a correr/ correndo, a saltar/saltando, etc.*) é, neste caso, opcional, isto é, não se encontra codificada no verbo.

Ao segundo tipo – *línguas centradas no satélite* – pertencem, por exemplo, as Línguas Germânicas, em que a informação sobre o *Modo* como o *Movimento* se desenvolve constitui, prototipicamente, a informação-base e é veiculada pelo próprio

through the tunnel (in 30 minutes) (atravessou o tunel em 30 minutos) ou He crawled up the chimney (in 3 minutes) (subiu a chaminé [a rastejar] em 3 minutos).

verbo (em Inglês: *go*, mas também, *walk*, *swim*, *run*, *skip*, *crawl*, *climb*, etc.). A especificação acerca da *Direcção do Movimento* (por exemplo: para dentro ou para baixo) não é transmitida pelo verbo, como no caso anterior, mas pelos *satélites*, isto é, pelas partículas direccionais (*up*, *across*, *away* em: *go up*, *run across*, *swim away*, etc.) Observe-se o ex. (1), no Quadro 3, em baixo.



Quadro 3: Tipologia de codificação do Espaço nas línguas (centradas no verbo e centradas no satélite).

Por conseguinte, e conforme exemplificado nos exemplos (2a) e (2b) do Quadro 4, em baixo, para transmitir, em Português, a mesma mensagem que nos fornece a frase inglesa *John drove over the bridge* dizemos *O João atravessou a ponte de carro (a guiar (guiando)/ a conduzir (conduzindo))*, verificando que a informação acerca do Modo da acção em causa, isto é, neste caso, *guiando um carro* não resultará em fusão na própria forma verbal. Esta forma, pelo contrário, transmitirá o *Percurso* (neste caso, a *Direcção*) – *MOVER + POR* – em que a acção foi desempenhada *através (da ponte)*, dando origem à *fusão do verbo com o Percurso* na forma verbal portuguesa *atravessar*.

Pelo contrário, dizer, em Português, a frase inglesa traduzida à letra **John conduziu através da ponte* resulta numa frase incorrecta do ponto de vista do uso da Língua Portuguesa (independentemente da sua variedade), sendo a incorrecção assinalada na escrita pelo asterisco; do mesmo modo, a tradução literal para o Inglês da frase portuguesa para **John crossed de bridge driving* não resulta numa frase correcta em Inglês (sendo a incorrecção, igualmente, assinalada por escrito com um asterisco); tratar-se-á, neste caso, de uma tentativa de aproveitar a conceptualização do *Movimento* típica do Português (mas não do Inglês) e “preenchê-la” com as palavras inglesas (ex. 2 do Quadro 4, em baixo).

Exemplo 2

(2a) (Inglês) *John drove across the bridge*

<i>John</i>	<i>drove</i> DESLOCAÇÃO + MODO	<i>across</i> PERCURSO [no <i>satélite</i>]	<i>the bridge</i>
João	guiou/ conduziu/ foi de carro/ foi a guiar	através de	a ponte

**O João foi através da ponte de carro/ a guiar*

(2b) (Português Europeu) *O João atravessou a ponte (de carro/ a guiar/ a conduzir)*

<i>O João</i>	<i>atravessou</i> DESLOCAÇÃO + PERCURSO	<i>a ponte</i>	(<i>de carro/ a guiar, etc.</i>) MODO (opcional) [no <i>satélite</i>]
John	crossed	the bridge	driving

**John crossed the bridge driving*

Quadro 4. Tipologia das línguas segundo Talmy: exemplificação em Inglês e em Português.

Na sequência do exposto, verifica-se que a informação *nuclear* transmitida pela frase inglesa é *John drove (O João foi de carro/ a guiar)*, enquanto a veiculada pela frase portuguesa é *O João atravessou (a ponte)*, sabendo-se apenas em informação *opcional* acrescentada à nuclear que ele o fez *de carro/ a guiar*. Torna-se claro, assim, que o que faz parte do sistema conceptual inglês – tal como acontece, por regra, nas Línguas Germânicas, Eslavas, etc. – é dar destaque principal ao *Modo* como as acções são desempenhadas, enquanto o sistema português, pelo contrário – tal como acontece, por regra, nas Línguas Românicas – ao nível do verbo destaca o *Percurso* da acção, isto é, *Direcção* e não o *Modo*.

7. A proposta de padrões de lexicalização do Espaço: Deslocação, Aspecto, Modo e Causa

A proposta de Talmy (1985) abrange, formalmente, três tipos de *padrões de lexicalização espacial* ou *padrões de Deslocação lexicalizados*²¹, construídos com verbos ou, melhor, com radicais verbais²², que pretendem reflectir expressões coloquiais – hoje diríamos: os exemplos da linguagem-em-uso – frequentes e de uso generalizado²³.

7.1. Primeiro padrão de lexicalização espacial: fusão de DESLOCAÇÃO e MODO ou CAUSA

No primeiro tipo de padrão, prototípico das Línguas Germânicas e Eslavas, o verbo codifica a *Deslocação* e o *Modo* em que ela é efectuada ou a *Causa* que está na sua

²¹ "In general, we assume that lexicalization is involved where a particular meaning component is found to be in regular association with a particular morpheme. The study of lexicalization, however, must also include the case where a *set* of meaning components, bearing particular relations to each other, is in association with a morpheme, making up the whole of the morpheme's meaning. In the clearest case, one morpheme's semantic makeup is equivalent to that of a set of other morphemes in a syntactic construction, where each of these has one of the original morpheme's meaning components. A familiar example here is the approximate semantic equivalence between *kill* and *make die*." (Talmy, 1985: 59).

²² "We look mainly at the verb root alone. This is because the main concern here is with the kinds of lexicalization that involve a single morpheme, and because in this way we are able to compare lexicalization patterns across languages with very different word structure" (Talmy, 1985: 61).

²³ "Presented first are three lexicalization types for verb roots that together constitute an apparently exhaustive typology. Any language uses only one of these types for the verb in its most characteristic expression of Motion. Here, 'characteristic' means that: (i) It is *colloquial* in style, rather than literary, stilted, etc. (ii) it is *frequent* in occurrence in speech, rather than only occasional. (iii) it is *pervasive*, rather than limited, that is, a wide range of semantic notions are expressed in this type." (Talmy, 1985: 62.)

origem. No Quadro 5, em baixo, observem-se, a seguir, os exemplos ingleses²⁴ 3a a 3c com a fusão do *Modo* (ou *Causa*)²⁵ ao nível verbal (Talmy, 1985: 62).

Lexicalização DESLOCAÇÃO + MODO/ CAUSA ²⁶			
- ESTAR + MODO: ex. 3a	<i>The lamp</i> o candeeiro	<u>stood</u> estava em pé	<i>on the table.</i> em cima da mesa
- MOVER + MODO: ex. 3b			
Não-agentivo:	<i>The rock</i> a rocha	<u>rolled down</u> rolou para baixo	<i>the hill.</i> do morro
Agentivo:	<i>I</i> rolei	<u>rolled the keg into</u> o barril para dentro de	<i>the storeroom.</i> o armazém
Auto-agentivas:	<i>I</i> saltei	<u>jumped my way</u> meu caminho	<u>down</u> para baixo de <i>the stairs.</i> a escada
- MOVER + CAUSA: ex. 3c			
Não-agentivo:	<i>The napkin</i> o guardanapo	<u>blew off</u> soprou para fora de	<i>the table.</i> a mesa
Agentivo:	<i>I</i> soprei	<u>blew the ant</u> a formiga	<u>off</u> para fora de <i>my plate.</i> meu prato

Quadro 5. Primeiro padrão de lexicalização do Espaço – exemplo do Inglês (Talmy 1985)

7.2. Segundo padrão de lexicalização: fusão de DESLOCAÇÃO e PERCURSO

²⁴ Apresentamos, aqui, apenas os exemplos ingleses de Talmy com as glosas portuguesas, mas sem propostas das possíveis traduções, visto que a sua variação não permitiria ter a imagem clara da proposta do Autor.

²⁵ À propósito da componente *Causa*, note-se o seguinte comentário de Choi e Bowerman: "All transitive verbs that express caused movement incorporate a causative meaning. This inherent causativity is distinct from the component "Cause" in Talmy's analysis. For example, although bring and take are inherently causative, they do not specify an independent event such as kicking or pushing that makes the Figure move, so they are not analyzed as conflation of Motion with Cause. Conversely, although intransitive blow is not inherently causative (cf. the wind blew), it can express the conflation [Motion + Cause], as in The napkin blew off the table (= the napkin moved off the table, from the wind blowing on it). The conflation of Motion with Cause in intransitive sentences is somewhat restricted in English (...); this allows us to use the term "intransitive" to refer to constructions that express spontaneous motion by the Figure" (Choi & Bowerman, 1991: 87, nota 2.)

²⁶ "In a motion-sentence pattern characteristic of one group of languages, the verb expresses at once both the fact of Motion and either its manner or its cause. A language of this type has a whole series of verbs in common use that expresses motion occurring in various manners or by various causes. There may also be a series of verbs expressing location with various manners or causes, but they are apparently always much fewer. (...). Language families that seem to be of this type are Chinese and apparently all branches of Indo-European except (post-Latin) Romance. English is a perfect example of the type." (Talmy, 1985: 62).

No segundo padrão tipológico proposto por Talmy, prototípico das Línguas Românicas, a fusão ao nível verbal abrange a *Deslocação* e o *Percurso*. O *Modo* e/ou a *Causa* em que a acção é desempenhada são verbalizados, nestas línguas, ao nível independente, num constituinte adverbial, gerundivo ou infinitivo (ou, ainda, numa frase relativa), conforme ilustrado, esquematicamente, pelos exemplos castelhanos (exs. (15) e (16) em Talmy, 1985: 69-71), no Quadro 6.

Lexicalização DESLOCAÇÃO + PERCURSO ²⁷					
- MOVER + PERCURSO: ex. 4					
Não-agentivo:	La botella a garrafa	<i>pasó</i> passou	por el pelo	tubo tubo	(<i>flotando</i>) (a boiar/ boisndo)
Agentivo:	<i>Quité</i> tirei	el papel del paquete o papel do embrulho		<i>cortandolo</i> cortando-o	

Quadro 6. Segundo padrão de lexicalização do Espaço – exemplo de Castelhanos (Talmy 1985)

É interessante observar que este tipo de construção, prototípica das Línguas Românicas, é possível, também, em Inglês, embora não constitua a sua construção privilegiada (ou prototípica) na expressão da Deslocação. Trata-se, neste caso, dos verbos eruditos de origem latina, de tipo *enter*, *exit*, *pass*, *descend*, etc. que apresentam comportamento paralelo aos verbos Castelhanos (e de outras Línguas Românicas, em geral) atrás mencionados²⁸.

²⁷ "In the second typological pattern for the expression of motion, the verb root at once expresses both the fact of Motion and the path. If Manner or Cause is expressed in the same sentence, it must be as an independent, usually adverbial ou gerundive type constituent. In many languages - for example Spanish - such a constituent can be stylistically awkward, so that information about Manner or Cause is often either established in the surrounding discourse or omitted altogether. In any case, it is not indicated by the verb root itself. Rather, languages of this type have a whole series of surrace verbs that express motion along various paths." (Talmy, 1985: 65)

²⁸ A propósito destes verbos que apresentam fusão da Deslocação e do Percurso, em Inglês, ver o comentário de Choi e Bowerman: "In addition to verbs conforming to the characteristic conflation pattern of English described by Talmy (1975, 1985), English has a number of intransitive and transitive path-conflating verbs. Many of those, including *enter*, *exit*, *ascend*, *descend*, *insert*, *extract*, *join*, and *separate*, are borrowings from formal register than their native counterparts *go in/out/up/down*, *put in/ together*, *take out/ apart*. A few path verbs, such as *fall*, *rise*, and *raise*, are native to English. Notions of Motion and Path

7.3. Segundo padrão de lexicalização: fusão de DESLOCAÇÃO e FIGURA

No terceiro tipo de padrão destacado por Talmy, a fusão abrange a *Deslocação* propriamente dita e a *Figura*, o que pode ser ilustrado por alguns verbos ingleses, como, por exemplo, *rain (chover)* ou *spit (cuspir)*, conforme ilustrado nos exemplos 5, do Quadro 7 (cf. ex. (17) em Talmy, 1985: 73). Trata-se do padrão prototípico da Língua Atsugewi, da família Hokan, uma língua nativa do norte da Califórnia, que o Autor estudou para a sua tese de doutoramento, em 1972.

Lexicalização DESLOCAÇÃO + FIGURA ²⁹				
Ex. 5				
	<i>It</i>	<i>rained in</i> choveu para dentro	<i>through</i> através de	<i>the bedroom window</i> a janela do quarto
	<i>I</i>	<i>spat</i> cuspi	<i>into</i> para dentro de	<i>the cuspidor.</i> a escarradeira

Quadro 7. Terceiro padrão de lexicalização do Espaço (Talmy 1985)

7.4. Padrões de lexicalização mista

A tipologia da codificação do Espaço nas línguas, apresentada por Talmy, em 1985, e resumida nos três padrões tipológicos fundamentais e considerada exaustiva, é esquematizada nos Quadros 5 a 7 acima, podendo apresentar algumas extensões, quando a fusão abrange além da *Deslocação* ainda mais do que um dos elementos apresentados nos padrões prototípicos, conforme exemplificado em (6) e (7):

Ex. 6.

<i>I</i>	<i>shelved</i> pus (n)a(s) prateleira(s)	<i>the books.</i> os livros
----------	---------------------------------------------	--------------------------------

Ex. 7.

<i>She</i>	<i>powdered</i> colocou o pó de arroz em	<i>her</i> seu	<i>nose</i> nariz
------------	---------------------------------------------	-------------------	----------------------

and sometimes Figure or Ground also seem to lurk in the more complex meanings of a variety of other verbs such as *pluck, stuff, jam, peel, load, fit* and *unwrap*. (...)" (Choi & Bowerman, 1991: 94, nota 11).

²⁹ "In the third major typological pattern for the expression of motion, the verb expresses the fact of motion together with the Figure. Languages with this as their characteristic pattern have a whole series of surface verbs that express various kinds of objects or materials as moving or located. (...). In the languages for which this pattern is characteristic, there are scores of Motion + Figure verbs with the most colloquial and extensive of usages. Atsugewi, a Hokan language of northern California, is an example *par excellence* of this type". (Talmy, 1985: 73.)

No exemplo (6), *shelved* permite fusão de CAUSA + FUNDO + PERCURSO, enquanto em (7), a fusão em *powdered* abrange FIGURA + PERCURSO + MODO.

É interessante verificar que os padrões prototípicos, classificatórios em relação as línguas naturais, estudados em 7.1. a 7.3., não incidem sobre o *Fundo* na formação de um tipo nuclear da expressão da *Deslocação*, fenómeno para o qual Talmy considera ser difícil encontrar uma resposta plausível³⁰.

7.5. Carácter holístico da tipologia talmiana

A proposta dos padrões de lexicalização de Talmy (1985) estende-se além da *Deslocação* propriamente dita para os padrões *aspectuais*³¹, *causativos* e *valenciais*, que interagem entre si, tendo em vista uma estruturação global e holística da Linguagem ao nível conceptual. Talmy evidencia, assim, ao nível funcional, o pressuposto avançado por vários partidários da *Teoria Localista* atrás mencionada, segundo o qual o Espaço só pode ser analisado em interdependência com o *Aspecto* e a *Transitividade*, ou, em geral, a *Valência*. O Autor apresenta, assim, vários padrões de lexicalização da *Causatividade*, em função do grau de envolvimento do *Agente/Autor* de uma acção e, conseqüentemente, do grau de intenção com que uma acção é desempenhada. Baseando-se, por exemplo no caso do verbo inglês *break* (*partir*, no sentido de *quebrar*), (cf. ex. (21) em Talmy, 1985: 79), o Autor discute nove possibilidades diferentes de *Causatividade*, das quais sete podem ser lexicalizadas por este verbo, fenómeno que podemos, também, observar nos

³⁰ "But it can be seen that one motion-event component, the Ground, does not by itself with the motion verb to form any language's core system for expressing Motion. (...) It is not clear why the Ground component should be so disfavored. One might first speculate that, in discourse, the Ground object of a situation is the most unvarying component and therefore the one least needing specification. But on further consideration, the Figure would seem to be even more constant, yet it forms the basis for a major typological system. One might next speculate that the Ground object is the component least salient or accessible to identification. But there seems nothing more obscure about airplanes, houses and liquids (to pick some likely Ground objects) than, say, about notions of path, which do form the basis for a major typological system. Explanation may next be sought in a concept of hierarchy: the different conflation types seem to be ranked in their prevalence among the world's languages, eith conflation of Path as the most extensively represented, of Manner/Cause next, and of Figure least so. it may therefore be the case that Ground conflation is also a possibility, but one so unlikely that it has not yet been instantiated in any language (that has come to attention)" (Talmy, 1985: 75-76).

³¹ "Lexicalized aspect figures in the analysis of a language in several ways. First, aspect generally seems to be part of the intrinsic meaning of verb roots. it is doubtful that any verb root can have a meaning wholly neutral to aspect - even in languages where the root is always surrounded by aspect-specifying inflections. Second, a verb root's intrinsic aspect determines how it interacts with grammatical elements that also have aspectual meaning. (...). Third, different languages have different patterns of aspect incorporation in their verbs. (...) And Fourth, aspect incorporation can correlate with surrounding factors. For example, it seems generally that a language with a ready inflection indicating 'multiplexity' has few verb roots like English *beat*, *wag*, *flap*, *breathe* with inherent multiplex aspect. (...)" (Talmy, 1985: 78-79).

seus equivalentes portugueses (PE): *partí o vaso sem querer, partí o vaso de propósito, partí o braço, fiz partir o vaso, o vaso partiu(-se), partiu-se-me o vaso, a bola partiu/fez partir o vaso*, etc. Talmy sublinha que, em certas línguas, como por exemplo em Castelhana, o Experienciador pode sofrer uma acção independente da vontade dele (ou, até, desempenhada contra ela) e exprime-se por meio de um constituinte clítico *se* (exemplo (22) em Talmy, 1985: 80): *Se me quebró el brazo (partí o braço)* ou *Se me perdió la pluma (perdí a caneta)*. Repare-se que o clítico desempenha aqui a função de Dativo (no sentido de: *partiu-se a mim* [Dat.]) que, em contextos análogos, parece ser menos frequente³² embora possível no Português Europeu. Em Castelhana, o verbo está marcado duas vezes: primeiro, surge com o *se* inerente – *se perdió (perdeu-se), se quebró (partiu-se)* – que traduz a diminuição do valor agentivo dos respectivos verbos e, em segundo lugar, apresenta a marcação com o Dativo que aumenta, ainda, o valor construído de Experienciador. O que difere, nestes dois casos, é o *Esquema Imagético* subjacente à conceptualização característica à cada uma das línguas e o grau de *Agentividade* a ela atribuído.

Combinando os padrões de lexicalização do *Aspecto* e da *Causatividade* (cf. Quadro 8, em baixo), Talmy propõe que, no domínio semântico de *estados*, se distingam três tipos fundamentais de carácter *aspecto-causativo*³³:

Lexicalização do ASPECTO e CAUSATIVIDADE	
Tipos de estados:	
(i)	o estativo propriamente dito (= encontrar-se num estado),
(ii)	o incoativo (= entrar para um estado) e

³² “Lo que sucede, comparativamente hablando, entre el español y el portugués es que el segundo no presenta un uso tan frecuente de construcciones pseudorreflejas como el primero” (Vázquez Cuesta y Mendes da Luz, 1971: 201).

³³ “Different verb roots incorporate different combinations of aspectual and causative types. One might at first expect a language to have a roughly equal distribution of the combinations over its lexicon and to have grammatical elements for getting from each combination to any other. But we find two limiting factors. First, not all aspect-causative combinations are relevant to every semantic domain. For example, in many languages the semantic domain of “states” seems to involve only (or mainly) these three aspect-causative types (compare Chafe 1970): (32) (a) being in a state (stative), (b) entering into a state (inchoative), (c) outtinto into a state (agentive). Second, even for asuch a smaller set, the relevant verbs in a language generally are not evenly lexicalized over the different types. For example, for the expression of “states”, there are languages in which the verb roots are predominantly lexicalized in only the 8a) or only the (b) or only the (c) type. In other languages, such verb roots show a small range of lexicalizations, either over the (a)/(b) types or over the (b)/(c) types. There are also languages in which the same verb root is used equivalently for all three aspect-causative types. Sometimes a language's roots exhibit different patterns for different categories within the “states” domain. Wherever the verb roots are restricted in their aspect-causative ranges, there are generally grammatical devices for getting to the remaining types. But because of all these limitations, the number of devices required can be quite small.” (Talmy, 1985: 86).

(iii) o agentivo (= meter num estado)³⁴.

Quadro 8. Padrão de lexicalização do *Aspecto* e *Causatividade* (Talmy 1985)

Ao contrário do que acontece em Português, observa-se que, em certas línguas, como, por exemplo, o Inglês, a lexicalização abrange a expressão das três situações, isto é, é feita a partir do mesmo radical verbal transparente na forma estativa (i), conforme ilustrado no exemplo (8), a seguir (cf. ex. 33 Talmy, 1985, 86-87).

Ex. 8

(i)	<i>She</i> ela	<i>lay</i> estava deitada	<i>there</i> ali	<i>all during the program.</i> durante o programa
(ii)	<i>She</i> ela	<i>lay down</i> deitou-se	<i>there</i> ali	<i>when the program began.</i> quando o programa começou
(iii)	<i>He</i> ele	<i>laid her down</i> deitou-a (a ela)	<i>there</i> ali	<i>when the program began.</i> quando o programa começou

Conforme exemplificado em (8), a forma de base corresponde ao estado do tipo (i) do Quadro 8: *encontrar-se num estado*. Por conseguinte, em Inglês, parte-se do verbo *lie* (passado: *lay*) – *deitar-se*, sendo as outras duas formas do tipo (ii) e (iii) derivadas a partir dela por meio de um *Satélite* indicador de um *Movimento* orientado para baixo, isto é, em Inglês, por uma partícula espacial *down*.

No segundo grupo de línguas, exemplificado pelo Japonês (cf. Talmy, 1985: 86-87), a lexicalização é feita não a partir do tipo estativo – tipo (i) do Quadro 8, como no caso apresentado acima – mas a partir do tipo incoativo (ii).

Um terceiro grupo, exemplificado pelo Castelhana (cf. ex. 35 Talmy, 1985: 86-87) cria o padrão de lexicalização a partir do tipo (iii) de carácter agentivo. Temos, assim, a partir de (iii): *acosté el niño* (*deitei a criança*), as formas do tipo (i): *estaba acostado* (*estava deitado*) e de tipo (ii): *me acosté* (*deitei-me*). Conforme podemos verificar pelas

³⁴ Compare-se, aqui, mais uma vez, o grupo dos verbos que referem a "disposição" espacial, como *lay, stand ou hang*, em Inglês. Cf. também: "For these, the three aspect-causative types we have noted for verbs of state have the following particular manifestation: (a) a body or object is in a posture non-causatively, or else an animate being self-agentively maintains its body in the posture; (b) a body or object comes into a posture non-causatively, or else an animate being self-agentively gets its body into the posture, (c) an agent puts a body other than its own, or some other object, into a posture" Talmy, 1985: 145, nota 24).

traduções portuguesas apresentadas, este padrão típico do Castelhana funciona, também, em Português.

Além das línguas com padrões de lexicalização descritos, vários outros idiomas apresentam um sistema de lexicalização misto, conforme observado, por exemplo, em Alemão³⁵ e ilustrado na subsequente exemplificação inglesa (ex. (9)). Talmy analisa, também, outros tipos de *cruzamento* possíveis, embora menos frequentes ou representativos. Num deles, exemplificado pelo Árabe literário moderno³⁶, uma forma lexical funciona, simultaneamente, ao nível *estativo* e *incoativo*, dando origem, num segundo momento, ao tipo *agentivo*. Outros tipos analisados por Talmy podem ocorrer, pontualmente, nas línguas que, prototipicamente, apresentam um dos tipos mais frequentes, exemplificados acima. Veja-se, aqui, o caso do verbo inglês *hide* (*esconder*), do ex. 9, que utiliza apenas um tipo de lexicalização para todos os três tipos de estados propostos no Quadro 8:

Ex. 9.

- (i) He *hid* in the attic for an hour (= *estava escondido*).
- (ii) He *hid* in the attic when the sheriff arrived (= *escondeu-se*).
- (iii) *I hid him* in the attic when the sheriff arrived (= *escondi-o*).

Quanto aos tipos de lexicalização de carácter *aspecto-causativo*, Talmy sublinha os graus diferenciados da sua difusão em línguas naturais. Destaca-se, sobretudo, o grau em que um padrão predomina dentro de uma categoria semântica. Assim, pode observar-se um esquema extremamente consistente como, por exemplo, nos verbos ingleses com a lexicalização de tipo *estativo*³⁷ ou, a contrastar, os verbos espaciais latinos, que apresentam uma grande variedade de padrões de lexicalização. Neste caso, por exemplo,

³⁵ "Other languages have other means for deriving the non-basic aspect-causative types from the favored one. For example, German is like English in having the stative type as basic for posture notions, as with verbs like *liegen* and *sitzen*. But it does not derive the inchoative "gettin-into-a state" type directly from this. Rather, it first derives the agentive "putting-into-a-state" type, with verbal forms like *legen* and *setzen*. And from this, in the manner of Spanish, it uses the reflexive to get back to the inchoative, with forms like *sich legen* and *sich setzen*." (Talmy, 1985: 87-88).

³⁶ "There are further patterns in which the same verb form serves equally for two types, while grammatical augmentation is required for the third. In one pattern of this sort, the "being-in-a-state" and the "getting-into-a-state" types are represented by the same lexical form, but an augmented form is used for the "putting-into-a-state" type. The verb root in a pattern like this may be thought to capture a factor common to the two types it represents, namely, the involvement of only a single participant (...). By one analysis, modern literary Arabic exemplifies this pattern for posture notions (...)" (Talmy, 1985: 88).

³⁷ Talmy mostra que apenas os verbos *incoativos* de tipo *arise* constituem uma exceção a este sistema (1985: 90).

o verbo estativo *sedere* (*estar sentado*) utiliza um *satélite* em forma de *prefixo* para construir a forma incoativa *considerere* (*sentar-se*), enquanto a forma agentiva *inclinare* (*inclinare*) precisa do clítico *se* para construir a forma incoativa *se inclinare* (*inclinare-se*). Por conseguinte, em Latim, qualquer um dos tipos de lexicalização apresentados no Quadro 8 pode ser produtivo, conforme mostram os exemplos do tipo (i): *stare, sedere, iacere* ou *cabere*; do tipo (ii): *surgere* ou do tipo (iii) *ponere, locare, inflectere, inclinare*. É importante verificar que o facto de um padrão predominar dentro de uma categoria de um domínio semântico, não significa que o mesmo venha a acontecer através de outras categorias, conforme se pode verificar no caso de verbos do tipo *abrir, partir/quebrar*, em Inglês, com o padrão básico não-estativo a contrastar, por conseguinte, com o padrão estativo dos verbos espaciais. Conforme demonstrado para o Latim (cf. Talmy, 1985: 91), o Autor observa uma falta de consistência intercategorial (ao contrário do Castelhana, que é relativamente consistente): enquanto, por exemplo, o verbo *frangere* (*partir/fracturar*) apresenta o tipo agentivo, o *patere* (*abrir*) é de carácter estativo.

Associado ao tipo *aspectual* e *causativo* do verbo surge também o seu carácter *valencial*³⁸, traduzindo-se no papel semântico e no caso atribuídos pelo verbo, conforme se pode exemplificar pelos verbos pertencentes ao *léxico de simpatia* (*affect verbs*). Enquanto *gostar* exige, em geral, um Sujeito não-agentivo, isto é, implica um papel temático de Experienciador, como em Português *gostar de X* ou nos verbos ingleses *like, love, enjoy, etc.*, outros casos há, em que se utiliza uma construção morfossintáctica para reforçar a não-agentividade do Sujeito, atribuindo-lhe, por exemplo, o caso Dativo e colocando o estímulo *de affecto* na posição de sujeito. Compare-se, aqui, por exemplo, o equivalente castelhano do *gostar* Português: *X me gusta mucho* (*gosto muito de X*) ou outros verbos do mesmo campo lexical: *agradar*, em Português, *please, satisfy, comfort*, em Inglês. Verifique-se que, na área dos “actos de vontade”, enquanto umas línguas apresentam o padrão duplo de Experienciador e de Estímulo, como em Português: *quero X* e *apetece-me X*, outras permitem apenas o Experienciador como Sujeito (p. ex. *want*, em Inglês). Talmy sugere, a propósito, uma tendência universal de conceptualização preferencial, observada interlinguisticamente³⁹.

³⁸ "Traditionally, the term valence has been used to refer (either solely or additionally) to the number of distinct element types occurring in association with a verb. In this chapter, the issue of element number arises only in the treatment of causation and personation. Valence here is used just for the particular surface case assignment(s) that a verb exhibits, given a fixed number of certain types of elements in association with it". (Talmy, 1985: 96).

³⁹ "A single semantic-cognitive principle might account for all these correlations between category of mental event and lexicalization tendency: subjecthood, perhaps because of its frequent association with

8. Notas finais

Iniciada há mais de quarenta anos, a proposta tipológica de Talmy relativa à conceptualização do Espaço e das línguas em função dos padrões da respectiva lexicalização continua produtiva e viva, o que se pode comprovar pelo volume de publicações que todos os anos surgem sobre a temática, bem como verificar nos bianuais congressos da ICLC e nas sessões que neles se organizam para discutir a tipologia talmiana.

A proposta de Linguística/ Semântica Cognitiva que Leonard Talmy apresenta não é uma teoria coesa e/ou acabada nem a sua descrição está, por vezes, clara ou fácil de seguir com base de apenas uma primeira leitura. Trata-se, no entanto, de uma proposta cativante, que parece estar sempre em construção e aperfeiçoamento. É uma proposta que apresenta a grande vantagem de ter carácter abrangente e englobante, tendo em conta a totalidade do sistema de uma língua e comparando-o – interlinguisticamente – com outros idiomas, procurando descobrir regularidades e padrões ao nível do funcionamento de vários sistemas cognitivos em interacção. Esta característica pode resumir-se – utilizando as palavras do próprio Autor (Talmy 1985: 121) – como sendo o "whole-system properties of semantic-surface relations"⁴⁰.

A tipologia da codificação das relações espaciais e da tipologia das línguas proposta por Talmy, tem tido, desde os anos noventa, um grande impacto sobre os estudos psicolinguísticos, sobretudo nos estudos interlinguísticos ("crosslinguistic studies") desenvolvidos por Melissa Bowerman, por um lado, e por Dan I. Slobin e colaboradores

agency, may tend to confer upon any semantic category expressed in it some initiatory or instigative characteristics. Accordingly, with Stimulus as subject, an external object or event (the stimulus) may be felt to act on an Experiencer so as to engender within him/her a particular mental event. Conversely, with Experiencer as subject, the mental event may be felt to arise autonomously and to direct itself outward toward a selected object. For example, a mental event of "wanting" might be psychologically experienced across cultures as a self-originating event, and so, by this principle, have a preponderant tendency across languages to correlate with Experiencer subjecthood." (Talmy, 1985: 101-102).

⁴⁰ "The present method of componential crosslinguistic comparison permits observations not otherwise feasible, (...) [demonstrating this] for the issue of information's salience. Former studies of salience have been limited to considering only whole lexical items and, hence, only their relative order and syntactic roles - and, appropriate to these alone, have arrived at such notions as topic, comment, focus, old and new information for comparison across languages. The present method can, in addition, compare the foregrounding or backgrounding of incorporated semantic components according to the type of surface site in which they show up. It can then compare the systemic consequences of each language's selection of such incorporation." (Talmy, 1985:121-122.)

por outro, e, posteriormente, aplicados a vários idiomas como, por exemplo, ao Português Europeu por Batoréo ([1996] 2000 e seguintes), assim como para Português do Brasil em contraste com o Português Europeu por Batoréo e Ferrari (2014 e 2016).

A investigação desenvolvida em Psicolinguística permite verificar a grande pertinência da proposta de Talmy. A sua caracterização tipológica das línguas quanto à expressão do Espaço determina o tipo de expressões espaciais utilizadas, por exemplo, nas narrativas tanto por crianças (Berman & Slobin, 1994; Slobin, 1993) como por adultos (Perdue, 1993) e contribui significativamente para a sub-área da Psicolinguística: a Aquisição e Aprendizagem da Linguagem. Os resultados mostram a sensibilidade de ambos os tipos de aprendentes em relação aos padrões de lexicalização das suas línguas nativas (e não-nativas), observadas em dezenas de línguas analisadas ao longo de décadas, no campo de estudo denominado por Slobin “thinking for speaking”.

Em termos gerais, pode concluir-se que o enquadramento teórico de Talmy permitiu contribuir para a caracterização do que se possa, talvez, entender como “primitivos semânticos” do Espaço (na mais vasta acepção do termo, cf. a obra de Wierzbicka 1972, 1992), restringindo-os a classes fechadas de marcadores espaciais organizados em estruturas abstractas e esquemáticas. Descrever a representação espacial de uma língua particular é determinar, por conseguinte, o modo de realização destes “primitivos”, a combinação entre eles e a construção efectuada do “esqueleto espacial” *característico* de cada língua.

Bibliografia

- **Bibliografia de Leonard Talmy**

Talmy, Leonard (1972). *Semantic Structures in English and Atsugewi*. PhD Dissertation, Department of Linguistics, University of California, Berkeley. Disponível em:

<http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/talmy/talmyweb/Dissertation/Intro.pdf>

Talmy, Leonard. (1975). Semantics and Syntax of Motion. In: John P. Kimball (ed.) (1975). *Syntax and Semantics*, vol. 4, New York: Academic Press, 181-238.

Talmy, Leonard. (1976). Semantic Causative Types. In: Shibatani (ed.) (1976). *Syntax and Semantics*, Vol. 6, New York: Academic Press.

Talmy, Leonard. (1978a). Relations Between Subordination and Coordination. In: J. Greenberg, C. Ferguson & E. Moravcsik (eds.) (1978). *Universals of Human Language*. Stanford, CA: Stanford University Press, 487-513.

Talmy, Leonard. (1978b). Figure and Ground in Complex Sentences. In: J. Greenberg, C. Ferguson & E. Moravcsik (eds.) (1978). *Universals of Human Language*. Stanford, CA: Stanford University Press, 625-649.

Talmy, Leonard. (1983). How Language Structures Space. In: Pick & Acredolo (eds.) (1983). *Spatial Orientation: Theory, Research and Application*, New York & London: Plenum Press, 225-282.

Talmy, Leonard. (1985). Lexicalization Patterns: Semantic Structure in Lexical Forms. In: T. Shopen (ed.) (1985). *Language Typology and Syntactic Description*, Vol. III, *Grammatical Categories and the Lexicon*, Cambridge, Cambridge University Press.

Talmy, Leonard. (1988). The relation of grammar to cognition. In: Brygida Rudzka-Ostyn (eds.) (1988). *Topics in Cognitive Linguistics*, 165-205. Amsterdam: John Benjamins.

Talmy, Leonard. (2000). *Toward a Cognitive Semantics*. Volume I: *Concept structuring systems*. Cambridge, MA: MIT Press. Volume II: *Typology and process in concept structuring*. Cambridge, MA: MIT Press. Disponível em:

<http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/talmy/talmyweb/TCS.html>

Talmy, Leonard. (2010) Ten lectures on cognitive semantics. In the "Eminent Linguists Lecture Series", Fuyin Li and Yuan Gao (eds.). (2010). Beijing: Foreign Language Teaching and Research Press.

Talmy, Leonard. (2014-2015). Translation into Chinese of *Toward a Cognitive Semantics*, volume II. Peking University Press.

Talmy, Leonard. (em preparação). *The attention system of language*. Cambridge, MA: MIT Press.

Talmy, Leonard. (em preparação). *The targeting system of language*. Cambridge, MA: MIT Press.

- **Outras referências:**

Abreu, Helen de Andrade. (2016a). Entrevista com George Lakoff. *Revista Linguística*, 12, 1 de Janeiro 2016, 9-18. Disponível em:

<http://www.revistalinguistica.letas.ufjf.br/index.php/revistalinguistica/article/view/689>

Abreu, Helen de Andrade. (2016b). Entrevista com Leonard Talmy *Revista Linguística*, 12, 1 de Janeiro 2016, 17-20. Disponível em:

<http://www.revistalinguistica.letas.ufjf.br/index.php/revistalinguistica/article/view/690>

Anderson, J. M. (1971). *The Grammar of Case: Towards a Localist Theory*, London: Cambridge University Press.

Batoréo, Hanna Jakubowicz. (1998). Language Typology and Semantic Primitive of Space: Evidence from European Portuguese. In: Vilela, M. & F. Silva (org.) (1998). *Actas do 1º Encontro de Linguística Cognitiva*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 33-49.

Batoréo, Hanna Jakubowicz. ([1996]/2000). *Expressão do Espaço no Português Europeu. Contributo Psicolinguístico para o Estudo da Linguagem e Cognição*, Lisboa: FCT e Fundação Calouste Gulbenkian, Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, 2000 [Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1996].

Batoréo, Hanna Jakubowicz. (2001). The Structure of Child Language and the Structure of Learner Language in Narrative Discourse: First and Second Language Acquisition in European Portuguese. In: M. Almgren; A. Barreña, M.-J. Ezeizabarrena; I. Idiazabal; B. MacWhinney (eds.) (2001). *Research on Child Language Acquisition. Proceedings of the 8th Conference of the Study of Child Language*, Cascadilla Press, CD-ROM, 264-278.

Batoréo, Hanna Jakubowicz. (2004a). *Linguística Portuguesa: Abordagem Cognitiva*. Lisboa: Universidade Aberta. JCD-ROM.

Batoréo, Hanna Jakubowicz. (2004b). A Space Construal: A Space Model of Text Structure in European Portuguese. In: Barbara Lewandowska-Tomaszczyk e Alina Kwiatkowska (eds.) (2004). *Imagery in Language. In Honour of Professor Ronald W.*

- Langacker, Frankfurt/Main: Peter Lang, Series: Lodz Studies in Language (ed. Barbara Lewandowska-Tomaszczyk) Vol. 10, 385-396.
- Batoréo, Hanna Jakubowicz. (2004c). Descrever o Espaço em Português Europeu: Caso da Dimensão Superior do Eixo Vertical. In: F. Oliveira & I. M. Duarte (org.) (2004). *Língua e Discurso. Homenagem a Joaquim Fonseca*. Porto: Campo das Letras, 245-264.
- Batoréo, Hanna Jakubowicz. (2005). Conceptual-Affective Patterns in Narrative Discourse: a Window on Universal and Language Particular Learning Mechanisms? In: Bokus, B. (ed.) (2005). *Studies in the Psychology of Child Language - Papers in Honour of G.W. Shugar*. Warszawa: Matrix, 329-346.
- Batoréo, Hanna Jakubowicz. (2006). Expressão do Movimento em Água (*AQUA-motion*) no Português Europeu: Contribuição para Tipologia Lexical. *Linguística*. V. 2, n. 2, Dezembro 2006, 171-191.
- Batoréo, Hanna Jakubowicz. (2014a). Leonard Talmy's Schematic System of Perspective. *International Journal of Cognitive Linguistics*. Volume 5, Issue 1, Nova Science Publishers Inc., 2014, 53-54. (Special Issue: *Consolidating a Map of Talmian Cognitive Semantics – Looking within, across, and beyond its systems*, a theme session presented at ICLC-12, Edmonton, Canada, 2013).
- Batoréo, Hanna Jakubowicz. (2014b). Perspective point (viewpointing) and events of motion in European Portuguese. *International Journal of Cognitive Linguistics*. Volume 5, Issue 1, Nova Science Publishers Inc., 2014, 55-74. (Special issue: *Consolidating a Map of Talmian Cognitive Semantics – Looking within, across, and beyond its systems*, a theme session presented at ICLC-12, Edmonton, Canada, 2013).
- Batoréo, Hanna Jakubowicz & Lilian Ferrari. (2014). «Quão fundo é o fundo?» Perspectivação no caso das expressões com 'ao fundo' em Português Europeu e Português do Brasil, Gramática e Texto: Conhecimento, Representação e Uso, *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*. Dez. 2014. n. 10, 145-154.
- Batoréo, Hanna Jakubowicz & Lilian Ferrari (2016). Events of Motion and Talmyan Typology: Verb-framed and Satellite-framed patterns in Portuguese. *Cognitive Semantics*, 2 (2016) 59-79.
- Batoréo, Hanna Jakubowicz. (2016). Review of: <Vyvyan Evans (2014). *The Language Myth: Why language is not an instinct?* Cambridge: Cambridge University Press.> In: Revista Linguística. Vol. 12, n. 1, janeiro/2016. 21-32. Disponível em: <http://www.revistalinguistica.letras.ufrj.br/index.php/revistalinguistica/issue/view/23/showToc>
- Berman, Ruth. & Slobin, Dan, I. (1987). Five Ways of Learning How to Talk about Events: A Crosslinguistic Study of Children's Narratives. *Berkeley Cognitive Science Report*, 46, Berkeley, CA.
- Berman, Ruth. & Slobin, Dan, I. (1994). Different Ways of Relating Events: Introduction to the Study. In: Berman & Slobin (1994). 1-12.
- Berman, Ruth. & Slobin, Dan, I. (1994). *Different Ways of Relating Events in Narrative: A Crosslinguistic Developmental Study*, Hillsdale, NJ, Lawrence Erlbaum Associates.
- Bowerman, Melissa. (1977). The Acquisition of Word Meaning: an Investigation of Some Current Concepts. In Johnson-Laird, P.N. (ed.) *Thinking: Readings in Cognitive Science*, Cambridge University Press, 239-253.
- Bowerman, Melissa. (1978). Systematizing Semantic Knowledge: Changes over Time in the Child's Organization of Meaning. *Child Development*, 49, 977-87.
- Bowerman, Melissa. (1985). What Shapes Children's Grammars? In: Slobin (ed.) (1985).
- Bowerman, Melissa. (1990). Mapping Thematic Roles onto Syntactic Functions: Are Children Helped by Innate Linking Rules? *Linguistics* 28, 1253-1289.
- Bowerman, Melissa. (1993). Typological Perspectives on Language Acquisition: Do Crosslinguistic Patterns Predict Development. In: E. Clark (ed.), (1993), 7-15.

- Clark, Eve V. (ed.) (1993). *The Proceedings of the Twenty-fifth Annual Child Language Research Forum*, Stanford: Stanford Linguistic Association.
- Choi, S. & Bowerman, Melissa (1991). Learning to Express Motion Events in English and Korean: The Influence of Language-Specific Lexicalization Patterns. *Cognition*, 41, 83-121.
- Croft, William & D. Alan Cruse (2004). *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Cuesta, Pilar Vasquez & M. A. Mendes da Luz (1969/ 1971). *Gramática Portuguesa*, Madrid, Gredos (3ª ed. aumentada 1971). Tradução portuguesa de Ana Maria Brito e Gabriela Matos (1980). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- Evans, Vyvyan. (2014). *The Language Myth: Why language is not an instinct?* Cambridge: Cambridge University Press.
- Faria, Isabel H., Emília R. Pedro, Inês Duarte & Carlos A. M. Gouveia (org.) (1996) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho, Série Linguística.
- Fillmore, Charles. (1966). Deictic Categories in the Semantics of 'Come'. *Foundations of Language* 2, 219-227.
- Fillmore, Charles. (1968). The Case for Case. In: Bach & Harms (eds.) (1968), 1-90. *Lectures on Deixis*, Berkeley, University of California.
- Fillmore, Charles. (1975). *Santa Cruz Lectures on Deixis*, Bloomington, Indiana University Linguistics Club, 1975.
- Fillmore, Charles. (1982). Frame Semantics. In: Linguistic Society of Korea (ed.), *Linguistics in the Morning Calm*, Seoul: Hanshin, 111-138.
- Fillmore, Charles. (1983). Commentary on the Papers by Klein and Talmy. In: Pick & Acredolo (eds.) (1983). *Spatial Orientation: Theory, Research and Application*, New York & London: Plenum Press, 313-320.
- Fillmore, Charles. (1985). Frames and Semantics of Understanding. *Quaderni di Semantica*, 6, 222-254.
- Greenberg, J., C. Ferguson & E. Moravcsik (eds.) (1978). *Universals of Human Language*, Stanford, CA: Stanford University Press.
- Johnson, Mark. (1987). *The Body in the Mind: the Bodily Basis of Meaning, Imagination and Reason* Chicago and London The University of Chicago Press.
- Johnson-Laird, P. N. (1983). *Mental Models: Towards a Cognitive Science of Language, Inference and Consciousness*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Johnson-Laird, P. N. (1986). Conditionals and Neural Models. In: Traugott, E., A. Meulen; Y. S. Reilly & C. A. Ferguson (eds.) (1986). *On Conditionals*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Johnson-Laird, P. N. (1987a). Reasoning, Imagining, and Creating. *Bulletin of the British Psychological Society*, 40, 121-129.
- Johnson-Laird, P. N. (1987b). The Mental Representation of the Meaning of Words. *Cognition*, 25, 189-211.
- Johnson-Laird, P. N. (1988a). *The Computer and the Mind: an Introduction to Cognitive Science*. Frank Kermode (ed.) (1988). Londres: Fontana Masterguides.
- Johnson-Laird, P. N. (ed.) (1977). *Thinking: Readings in Cognitive Science*. Cambridge: Cambridge University Press, 239-253.
- Johnston, J. & Slobin, Dan I. (1979). The Development of Locative Expressions in English, Italian, Serbo-Croatian and Turkish. *Journal of Child Language* 6, 529-545.
- Lakoff, George (1987). *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*, Chicago and London: The University of Chicago Press.

- Lakoff, George e Johnson, Mark. (1980). *Metaphors we Live by*. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- Langacker, Ronald W. (1982). Space, Grammar and Analysibility of the English Passive, *Language*, 58, 22-80.
- Langacker, Ronald W. (1987/ 1991). *Foundations of Cognitive Grammar*. Vol 1 - *Theoretical Prerequisites* (1987), Vol. 2 - *Applications* (1991). Stanford, California: Stanford University Press.
- Langacker, Ronald W. (1991). *Concept, Image, and Symbol. The Cognitive Basis of Grammar*. Mounton de Gruyter.
- Lyons, John. (1977). *Semantics*, Vol I & II. Cambridge: Cambridge University Press. 1978.
- Marchetti, Giorgio. (2006). *A criticism of Leonard Talmy's Cognitive Semantics*. Disponível em: www.mind-consciousness-language.com, 2006.
- Miller, G. A. & P. N. Johnson-Laird (1976). *Language and Perception*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press & London: Casmbridge University Press.
- Perdue, C. (ed.) (1993). *Adult Language Acquisition: Cross-Linguistic Perspectives*, Vol. I & II. The European Science Foundation, Cambridge: Cambridge University Press.
- Pick Jr., H. L. & L. P. Acredolo (eds.) (1983). *Spatial Orientation: Theory, Research and Application*, New York & London: Plenum Press.
- Slobin, Dan I. (1970). Universals of Grammatical Development in Children. In: G. B. Flores D'Arcais & W. J. M. Levelt (eds.) *Advances in Psycholinguistics*. New York: Elsevier.
- Slobin, Dan I. (1973). Cognitive Prerequisites for the Development of Grammar. In: Ferguson & Slobin (eds.) (1973). *Studies of Child Language Development*. New York: Holt, Rinehart e Winston, 175-211.
- Slobin, Dan I. (1977). Language Change in Childhood and in History. In: Macnamara, J. (ed.), (1977). *Language Learning and Thought*. Academic Press Inc., 185-215.
- Slobin, Dan I. (1985). Crosslinguistic Evidence for the Language – Making Capacity. In: Slobin (ed.) (1985) Vol. II: 1157-1256.
- Slobin, Dan I. (1989). Factors of Language Typology in the Crosslinguistic Study of Acquisition. Paper presented to Symposium, *The Crosslinguistic Study of Child Language*, Tenth Biennial Meeting of the International Society for the Study of Behavioral Development, Jyvaskyla, Finland, July 9-13, 1989.
- Slobin, Dan I. (1991). Learning to Think for Speaking: Native Language, Cognition, and Rhetorical Style. *Pragmatics*, 1, 7-25.
- Slobin, Dan I. (1992). The Crosslinguistic Endeavor. In: Slobin (ed.) (1992), 1-13.
- Slobin, Dan I. (1993). Adult Language Acquisition: a View from Child Language Study. In: Perdue (ed.) (1993) Vol. II, 239-252
- Slobin, Dan I. (ed.) (1985/ 1992). *The Crosslinguistic Study of Language Acquisition*, Vol. 1 & 2 - 1985, Vol. 3 - 1992. Hillsdale, N.J., Lawrence Erlbaum.
- Velupillai, Viveka. (2012). *An Introduction to Linguistic Typology*. John Benjamins Publishing Company.
- Wierzbicka, Anna. (1972). *Semantic Primitives*, Frankfurt: Athanäum.
- Wierzbicka, Anna. (1992). *Semantics, Culture and Cognition: Universal Human Concepts*. New York: Oxford University Press.